

“Manda nudes?”: imagens íntimas e representações de gênero na mídia brasileira

Nealla Valentim Machado¹
Universidade Federal de Mato Grosso

Resumo: Em um universo cada vez maior de imagens compartilhadas nos sites e nas redes sociais, em que os usuários são cada vez mais produtores e divulgadores de conteúdo, pretendemos compreender como a divulgação não consentida, na internet, de imagens produzidas em um contexto de intimidade constitui uma realidade social e como é representada pela narrativa jornalística brasileira. Por meio da análise de notícias levantadas em dois grandes portais de comunicação, buscamos identificar e analisar os processos de produção de novas categorias culturais e das relações de poder envolvidas nessas categorias, nas esferas da sexualidade e das relações de gênero. A prática de exposição de imagens sexuais na internet pode ser uma forma de violência contra as mulheres, relacionada com valores assimétricos de gênero e sexualidade. Nesse contexto, a mídia produz diferentes narrativas que dão significado para “novas” práticas sociais, que podem tanto reafirmar representações tradicionais de masculinidade e feminilidade, como transformar de maneira crítica modelos tradicionais de relações de gênero e moralidade.

Palavras-Chave: Imagens íntimas, Relações de gênero, Internet.

MACHADO, Nealla Valentim. “Manda nudes?”: imagens íntimas e representações de gênero na mídia brasileira. *Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, 5 (9): 99-110, janeiro a julho de 2018. ISSN: 2358-5587.

¹ Mestre e doutoranda em Estudos de Cultura Contemporânea pela UFMT.

“Manda Nudes?”:

Intimate images and representations of gender in the Brazilian media

Abstract: In a growing universe of shared images on websites and social networks, in which its users are constantly producing and sharing more content, this paper intends to comprehend how the unauthorized disclosure of pictures that are produced in an intimate setting and are spread on the internet have created a social reality and how this is represented in Brazilian journalism. Through analyzing news that was researched from two great communication portals, new processes of production from a recent cultural category will be identified and the power relations involved in the layers of sexuality and gender relations. Our hypothesis is that exposing these erotic images on the internet can be a form of violence against women related to asymmetrical gender values and sexuality. In this context, media presents different journalist views which give meaning to new social practices that reaffirm traditional representations of gender or critically transform traditional models of gender relations and morality.

Keywords: Intimate pictures, Gender relations, Internet

“Manda Nudes?”:

imágenes íntimas y representaciones de género en los medios brasileños

Resumen: En un universo cada vez mayor de imágenes compartidas en los sí mismos y en las redes sociales, en que los usuarios son cada vez más productores y divulgadores de contenido, pretendemos comprender cómo la divulgación no consentida en internet de imágenes producidas en un contexto de intimidad constituye una realidad social y como es representada por la narrativa periodística brasileña. Por medio del análisis de noticias levantadas en dos grandes portales de comunicación, buscamos identificar y analizar los procesos de producción de nuevas categorías culturales y de las relaciones de poder involucradas en esas categorías, en las esferas de la sexualidad y de las relaciones de género. La práctica de exposición de imágenes sexuales en Internet puede ser una forma de violencia contra las mujeres, relacionada con valores asimétricos de género y sexualidad. En este contexto, los medios de comunicación producen diferentes narraciones que dan significado a "no-vas" prácticas sociales, que pueden tanto reaffirmar representaciones tradicionales de masculinidad y feminidad, como transformar de manera crítica modelos tradicionales de relaciones de género y moralidad.

Palabras clave: Imágenes íntimas, Relaciones de género, Internet.

A internet transformou de forma radical todos os setores da nossa sociedade. Após a sua disseminação praticamente todas as comunicações humanas passam através desse meio. Atualmente a todo momento somos produtores e consumidores de conteúdo, que são mediados através dessa rede. A internet e as mídias sociais digitais alteram a maneira como nos relacionamos com o mundo e com as pessoas, e altera também como nos relacionamos afetivamente e sexualmente. O presente artigo pretende refletir sobre o contexto atual de compartilhamento virtual de imagens sexuais (fotografias, vídeos, gifs, memes, montagens²) através de novas tecnologias da comunicação.

Desde 2013 conseguimos identificar, na mídia nacional e internacional, a utilização de termos como “pornografia de revanche”, “*revenge porn*”, “vingança pornô”, “exposição sexual na internet”, “caiu na rede”, “caiu na net”, “manda nudes”, entre outras, para descrever situações em que imagens de conteúdo sexual, produzidas em contextos de intimidade afetiva/sexual, e que a priori não são produzidas visando o lucro, são divulgadas e compartilhadas na rede mundial de computadores. São fotos e vídeos que registram situações de relacionamentos produzidas em um contexto privado e divulgadas em um ambiente público, a internet, através dos aparelhos tecnológicos e das mídias sociais digitais, que permitem a massificação e a viralização³ dessas imagens. Trata-se uma situação social específica, que envolve, dentre outros fatores, a produção “espontânea” por mulheres, ou por seus parceiros (homens), das imagens sexuais, e a divulgação não consentida, desejada ou prevista dessas imagens na internet, e a posterior consequência como fenômeno social que essa “exposição” na internet ocasiona para a vida das mulheres (principalmente).

Este artigo apresenta resultados da pesquisa para uma dissertação de mestrado em Estudos de Cultura Contemporânea que abarca um levantamento de notícias que descrevem a divulgação das imagens sexuais por um período de 10 anos – de 2005 até o ano de 2014 – nos portais Folha de São Paulo, referente ao Grupo Folha, e o portal de notícias G1, do Grupo Globo de telecomunicações. Foram reunidas 395 notícias, que foram analisadas a partir do aporte teórico da comunicação, da semiótica e da antropologia. Nosso objetivo reside na compreensão dos modos como as notícias descrevem uma realidade social específica e como o jornalismo, entendido como prática que traduz uma realidade, participa nessa construção social (BERGER; LUCKMANN, 2003). Nesse caso, as notícias são propriedades intelectuais e estão presentes no processo de construção e subjetivação da realidade (MEDITSCH, 1992; BERGER; LUCKMANN, 2003).

² Gifs são fotografias animadas, que podem ou não conter mensagens de texto e que são compartilhadas nas redes sociais para o humor. O termo “mêmo” é usado para descrever qualquer conteúdo que se espalha de maneira viralizada pela internet. O termo é uma referência ao conceito de mêmés, que se refere a uma teoria ampla de informações culturais criada por Richard Dawkins em 1976 no seu livro *The Selfish Gene*.

³ Viralização acontece quando uma informação na internet é compartilhada de forma descontrolada, tal como uma epidemia; e seu retorno a um estágio original, de desconhecimento, é impossível.

As análises apresentadas contemplam também as contribuições dos estudos sobre as relações de gênero e as sexualidades, fundamentais para compreendermos as estruturas sociais que continuam a perpetuar velhos parâmetros sobre como as pessoas devem se comportar e pensar de acordo com seu gênero, e de como a própria mídia se torna uma ferramenta para perpetuar essas normas sociais.

Notícias como constituidoras de categorias sociais: masculinidade, feminilidade, vulnerabilidade e estigma

Os quadros abaixo mostram o aumento progressivo das notícias ao longo dos anos, desde 2005 até 2015, como também as palavras-chaves que foram utilizadas para fazer as buscas que resultaram nesses dados. A descoberta e a escolha das palavras-chave foram feitas ao longo dos anos através de observações tanto nos meios midiáticos tradicionais, como nos meios midiáticos digitais como as mídias sociais, e até mesmo as interações pessoais da autora. Elas foram separadas por categorias e depois, a partir dessas categorias fizemos as análises referentes a cada categoria. Para o levantamento dessa pesquisa escolhemos os seguintes termos ou palavras-chave: “Sexting”, “Vingança Pornô”, “Revenge Porn”, “Pornografia vingança”, “Exposição Sexual Internet”, “Vídeos íntimos” e “Imagens íntimas”.

Esses termos específicos foram escolhidos com o intuito de abranger de forma representativa como a mídia descreve e traduz para o grande público a circulação social dessa ação social que é o compartilhamento de imagens sexuais de pessoas comuns.

FOLHA DE SÃO PAULO

2005	1
2006	0
2007	2
2008	4
2009	22
2010	6
2011	12
2012	24
2013	30
2014	39
TOTAL	140

TERMOS DA PESQUISA	
“Pornografia de vingança”	9
“Vingança pornô”	9
<i>Revenge porn</i>	9
<i>Sexting</i>	32
“Exposição sexual internet”	7
“Vídeos íntimos”	17
“Imagens íntimas”	57

G1

2007	1
2008	0
2009	8
2010	8
2011	8
2012	43
2013	64
2014	98
TOTAL	230

TERMOS DA PESQUISA	
“Vingança pornô”	4
“Pornografia vingança”	5
<i>Revenge Porn</i>	4
“Exposição sexual internet”	8
<i>Sexting</i>	21

“Imagens íntimas”	115
“Vídeos íntimos”	73

Em nosso levantamento separamos também os diversos tipos de editorias jornalísticas em que essa narrativa pode ser entendida como socialmente relevante, tendo noticiabilidade, como: páginas policiais, páginas de atualidades, páginas de entretenimento ou notícias de divulgação de pesquisas científicas.

Em nossa pesquisa, relacionando as palavras-chave ao que foi descrito nas notícias podemos conectar os termos escolhidos com narrativas já estabelecidas como: imagens íntimas e as narrativas policiais; imagens íntimas e mulheres “famosas”; imagens íntimas e adolescentes; imagens íntimas e uma relação com a pornografia infantil; imagens íntimas e sua relação com a chamada “vingança” dentro de relacionamentos amorosos e sexuais; e, por último, como a mídia reporta o vazamento dos nudes de homens.

Jean Langdon (1993), em artigo bastante pessoal e tocante, nos fala que as narrativas são sistemas simbólicos que expressam a percepção do mundo, dos acontecimentos e das relações sociais. É dessa forma que pensamos as notícias analisadas aqui neste trabalho. Elas são narrativas que são construídas para dar sentido a situações sociais que já acontecem mais ainda não tem classificação, não são nomeadas. As notícias não são somente filtros de uma realidade social, são também partes constituidoras dessa realidade (BERGER; LUCKMANN, 2003). As notícias são produzidas na medida que trazem conhecimento (MEDITSCH, 1992), sentido para o mundo. As categorias e narrativas cristalizam-se e participam da construção do sentido da realidade social.

Nessas análise percebemos um padrão bastante comum na forma como a mídia brasileira descreve o fenômeno da divulgação não consentida de imagens sexuais na internet, que é: pessoas que mantêm relações sexuais (de modo geral casal heterossexual) e o homem pede que as relações sexuais sejam gravadas, ou ainda, casal está conversando pelas mídias sociais, quando o homem também pede o vídeo ou a imagem íntima da mulher. Depois disso, o casal se separa por algum motivo, as imagens começam a ser compartilhadas na internet e a mulher sofre a pressão social⁴. A vítima procura os meios legais e jurídicos, sendo o principal deles a polícia, para fazer a denúncia, e a Justiça, para o processo. Abre-se uma investigação e a polícia entra em contato com o ex-companheiro da moça e, em seguida, o caso vai à julgamento e o rapaz pode ou não vir a ser condenado.

Quando as narrativas midiáticas comentam casos de vazamento ou de divulgação indevida⁵ e imagens íntimas de pessoas públicas, como atrizes, cantoras, atletas, políticos entre outros, nós percebemos uma preocupação com o acompanhamento de todas as etapas do caso policial, desde a denúncia até uma posterior condenação, mesmo que essa condenação demore alguns anos, o que faz com que essa cobertura não seja esquecida e se estenda ao longo dos anos, causando assim mais interesse público. Esses também são os casos onde as mulheres famosas “vitimadas” tem a oportunidade de falar abertamente sobre o ca-

⁴ Definimos que as imagens sexuais, no contexto deste trabalho, pertencem à esfera do erótico, e como este é entendido por Bataille (1987). Entende-se que essas imagens, quando foram produzidas, foram pensadas para pertencerem à esfera do privado, do deleite erótico. E mesmo que elas sejam experiências sexuais envoltas no “perigo dos prazeres” (GREGORI, 2014), o compartilhamento dessas imagens pode causar imprevistos danos às pessoas envolvidas.

⁵ A divulgação é indevida porque não foi previamente autorizada pelas pessoas que aparecem na foto, que na maioria das vezes são as mulheres.

so, pois elas são solicitadas pela mídia a se pronunciarem, o que dá a elas certa autonomia, além se servirem como exemplo de como as mulheres “comuns” devem se comportar caso algo parecido aconteça com elas. Advogados, promotores e delegados também aparecem como personagens frequentes dessas narrativas, como figuras que oferecem a possibilidade de justiça para com as mulheres, uma recuperação da “honra”.

Em notícias que abordam o tema das imagens íntimas e adolescentes, algumas matérias falam de vídeos filmando relações sexuais dentro de escolas e compartilhado entre os adolescentes e como os jovens utilizam as redes sociais para compartilhar esse tipo de conteúdo, e que esse é o maior perigo para os jovens na atualidade, principalmente as meninas e mulheres jovens. Nessas notícias, dificilmente as meninas tem a oportunidade de falar sobre sua situação, ao contrário dos pais, professores e policiais (figuras de autoridade). As notícias também falam de pesquisas científicas que atestam que os jovens compartilham mais imagens íntimas que as outras idades e que esse número de pessoas dessa idade adeptas a essa prática aumenta (apesar de que não podemos assumir isso como uma realidade, dado ao recorte das pesquisas e a ausência da metodologia para entendermos os dados). As matérias também se esforçam em construir narrativas que visam alertar aos responsáveis por crianças e adolescentes dos perigos da internet (que vão desde a exposição até as redes de pedofilia), e pedem para que os mesmos conversem com suas filhas jovens e as alertem a não produzir ou divulgar essas imagens com conteúdo íntimo.

Pudemos perceber ao longo das análises como certos estereótipos de gênero se tornam repetitivos e se mantem, como, por exemplo; as mulheres descritas como vítimas e os homens como os causadores dessa violência para como as mulheres. Por que também isso realmente acontece. Mesmo em diferentes notícias com diferentes palavras-chaves os papéis se mantêm. E pudemos perceber também como esses papéis performados pelos gêneros transitam e fluem nas disputas de poder representadas nessas narrativas (BUTLER, 2013; FOUCAULT, 1998). As mulheres famosas do cinema e da televisão tem dinheiro e podem pagar advogados e recorrer ao sistema judiciário⁶ para a recuperação da “honra” perdida; as jovens mulheres do interior do Piauí⁷ não possuem os mesmos recursos sociais e são condenadas ao suicídio para tentar recuperar essa “honra”.

Foucault (1997) fala que os “atos sexuais” são constantemente reatualizados ou ressignificados ao longo da história. Os discursos sobre a sexualidade gerem e inserem as sexualidades desviantes em sistemas de utilidade pública. No novo saber-poder da sexualidade, preocupou-se em regular a sexualidade de mulheres, crianças e desviantes sexuais, fazendo a sexualidade funcionar segundo “padrões de qualidade” designados especificamente para uma função social, que depende diretamente da época. No âmbito do dispositivo da sexualidade, “o sexo não se julga apenas, administra-se” (FOUCAULT, 1997, p. 27).

Os discursos que analisamos atuam como desdobramentos contemporâneos do dispositivo de sexualidade descrito por Foucault (1997), na medida em que se configuram como uma extensão permanente dos domínios e das formas de controle dos corpos. O dispositivo de sexualidade está ligado à economia dos corpos, que são valorizados como objetos de saber (médico, psicológico, científico) e como elementos nas relações de poder (estado e família) (FOUCAULT,

⁶ <http://www1.folha.uol.com.br/tec/1203080-hacker-que-divulgou-fotos-de-scarlett-johansson-e-condenado-a-dez-anos-de-prisao.shtml>

⁷ <http://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2013/11/policia-investiga-morte-de-garota-que-teve-video-intimo-divulgado-no-piaui.html>

1997). Nas notícias que analisamos, que se referem principalmente a relacionamentos heterossexuais, percebemos uma continuidade da extensão dos poderes sobre os corpos, principalmente das mulheres que, quando aparecem na internet, se tornam mais “públicos”. Identificamos uma tentativa de controle da sexualidade feminina, que não pode “vazar”, não pode transbordar, tem que estar sempre contida nas “intimidades de casal” ou inexistente no imaginário popular social que afirma que “mulheres não gostam de sexo”. Os espaços de convivência social podem ser novos, mas as relações de poder atuantes não (MISKOLCI, 2011).

Esses mecanismos de poder são coercitivos e fazem parte da produção da subjetividade (FOUCAULT, 1997). Se por um lado, o sujeito é alvo de controles que lhe são exteriores, por outro lado, esse mesmo sujeito também é produto dessas relações de saber-poder. Essa explosão discursiva é parte de um complexo processo de aumento do controle sobre os indivíduos, controle não através da negação ou da proibição, mas através da produção do discurso. Pela incorporação de uma grade de definições sobre as possibilidades do que pode fazer em relação ao sexo é que se tem o poder sobre os indivíduos, atualizando dessa maneira o regime do poder-saber-prazer. É através desses discursos que todos nós modelamos as formas como construímos e conduzimos nossa corporeidade, e noções de desejo sexual e a nossa performatividade de gênero (BUTLER, 2013).

Humilhação, Vergonha e Violência: as narrativas midiáticas sobre imagens íntimas e seus efeitos sobre as mulheres

Como já dissemos, é através do discurso que constituímos e de certa forma nos “produzimos” como seres sociais e sexuais. Quando descreve as relações amorosas contemporâneas, Michael Bozon (2004) indica que a sexualidade que antes devia ser justificada no âmbito do parentesco se legitimou na maioria dos relacionamentos amorosos da atualidade. No entanto, o autor também indica uma tendência a associar o homem ao desejo e a mulher ao amor.

De acordo com Maria Filomena Gregori, os “tensores libidinais”, ou seja, aquilo que provoca o gatilho do desejo sexual, são resultantes da noção de que o desejo é feito daquilo que provoca, que incita e/ou que assinala a diferença. Para a autora, os marcadores sociais de diferença, tais como cor, gênero, idade ou classe, usados para identificar as relações de poder desiguais em discursos como o jurídico, por exemplo, são os mesmos que atuam na configuração daquilo que provoca o prazer. “As hierarquias, as normas e proibições formam o repertório para o erotismo, a partir de todo um esforço de transgressão” (GREGORI, 2014, p. 50).

Esses atos de produzir e enviar imagens íntimas remetem à criação desse “deleite erótico” que a autora fala, por que são situações relacionais envoltas em proibições e riscos. Dentro dessa perspectiva, segundo Gregori (2014), o modo como o consentimento é definido e operacionalizado socialmente faz referência direta ao seu elemento de contraste, que é a vulnerabilidade. Para a autora, que pensa esses conceitos em meio aos acordos sexuais preestabelecidos em situações específicas, como o sadomasoquismo, a definição de vulnerabilidade coloca ênfase nos marcadores sociais da diferença (raça, idade, situação socioeconômica, entre outros), como elementos que conduzem as pessoas à vulnerabilidade. No entanto, ainda de acordo com Gregori, esses mesmos elementos podem ser utilizados na criação dos jogos e do deleite erótico. Desta forma, dentro do con-

texto dos relacionamentos afetivos e sexuais heterossexuais, a mulher que aceita produzir imagens sexuais para o deleite erótico próprio e de seu parceiro, é a mesma que se mostra mais vulnerável dentro das relações de poder nas quais os relacionamentos amorosos contemporâneos se constituem. Dentro dessa perspectiva, as mulheres, como nossa pesquisa pelas narrativas midiáticas nos fez perceber, já são de antemão classificadas como vulneráveis nessas relações afetivas/amorosas/sexuais, pois as narrativas das notícias continuam mantendo os conceitos de masculinidade violenta e feminilidade frágil que já são difundidos nos nossos imaginários de significações sociais.

O gênero aparece como uma categoria classificatória, por meio da qual a mídia categoriza as mulheres como “vítimas” e os homens como “autores”, “suspeitos” ou “criminosos”. E não sem motivos muito relevantes, pois essa não é somente uma questão narrativa, já que os efeitos são muito concretos. São as mulheres que sofrem na pele, nas suas vidas diárias, pois são elas que trocam de emprego, escola, faculdade, cidade, estado, país e algumas vezes chegam a tirar a própria vida por conta dessas situações.

Percebemos que mulheres de uma idade mais elevada e de um nível socioeconômico maior conseguem visibilizar mais formas sociais, psicológicas e materiais de lidar com a exposição das imagens íntimas compartilhadas na internet. Garotas mais jovens e/ou mais pobres, se veem subjetivamente e diretamente atadas à divulgação das imagens, o que torna mais complexas as aparições públicas sem os sentimentos de “humilhação” e “vergonha”. Ou seja, essas garotas não encontram meios de se desassociar da imagem íntima que foi divulgada.

A maneira pela qual as mulheres são descritas as coloca como vítimas. A elas cabe a narrativa do “sofrimento” (GREGORI, 1993), por meio da qual compartilham os sentimentos de “vergonha” e de “humilhação” e sofrem do estigma social (GOFFMAN, 1988) e, salvo raras exceções, sofrem a agência de discursos exteriores, restando-lhes somente responder a esses estímulos.

O jornalismo e o trabalho do jornalista são uma das formas de construir e também de retroalimentar uma realidade social (BERGER; LUCKMANN, 2003). A autora Vera França (2012) argumenta que os espaços midiáticos podem atuar indicando uma “nova” realidade social (2012, p. 11). Com isso, o jornalismo incide diretamente na configuração e dinâmica da realidade de nossas vidas cotidianas e na forma da coexistência e atravessamento entre as múltiplas realidades que compõem o mundo das nossas vidas. Como parte da cultura, as diversas mídias participam na construção de práticas sociais a partir do nosso esquema historicamente transmitido de significações representadas em símbolos (GEERTZ, 2008). As notícias, como outras formas de narrativas, são ao mesmo tempo produtos de um determinado contexto e produtoras de significados sociais compartilhados. Os termos “sexting”, “pornografia de vingança”, “revenge porn” e “nudes”, entre outros, ganham significados através dos meios de comunicação.

Como já foi dito acima, são as mulheres que são obrigadas a transformar suas vidas cotidianas para tentar conviver com o estigma de serem mulheres consideradas “públicas”, pois seus corpos foram expostos publicamente para escrutínio. Em casos extremos, essa pressão é tão intensa e insuportável a ponto de levar ao suicídio. A divulgação dessas imagens íntimas é uma situação de violência que por vezes pode passar do simbólico tendo interferência no físico, praticada contra corpos específicos, corpos de mulheres ou corpos feminizados,

como o caso dos homens que se relacionam com homens⁸ e tem imagens viralizadas na rede. Os sentimentos de “vergonha”, “humilhação”, “medo” e “intimidade devastada” são associados às vivências femininas da divulgação não consentida de imagens íntimas. No entanto, os homens mostram “incômodo” e “indignação” com o vazamento das imagens (a menos que sejam homossexuais, o que os aproxima das vivências femininas). Mas a vida dos homens heterossexuais que são os personagens dessas notícias, não muda e, moralmente, não sentem vergonha de terem produzido as imagens, na realidade alguns sentem até “orgulho” pela possibilidade de demonstrar publicamente a “virilidade sexual”.

Segundo Illouz (2011), quando falamos de sentimentos e de afetos, nas ciências sociais, devemos nos lembrar que eles não são simplesmente características inatas dos seres humanos, mas sim redes de significados culturais e relações sociais inseparavelmente juntos. De acordo com a autora, os sentimentos organizam-se hierarquicamente, ordenando nossos arranjos morais e sociais. Quando falamos de afetos nas sociedades ocidentais, para ser um “homem de caráter”, seria exigido do indivíduo que demonstre “coragem”, “racionalidade fria” e “agressividade disciplinada”. Já a feminilidade, por outro lado, exigiria dos sujeitos “bondade”, “compaixão”, “sensibilidade” e “otimismo” (ILLOUZ, 2011, p. 10-110), sentimentos que de certa forma “combinam” com o que é descrito nas notícias analisadas.

Em todos os arranjos apresentado foram articulados diversos marcadores sociais da diferença, colocando em destaque as convenções eróticas nas quais esses tensores libidinais, classe, geração, estilo e raça eram na organização do desejo dos sujeitos. Dessa forma, o erotismo, visto da perspectiva de gênero, constitui prazer e perigo (VANICE, 1984) para expressões não normativas da sexualidade. As narrativas das imagens sexuais compartilhadas se configuram dentro dos contextos de violência nessas interações afetivas/amorosas/sexuais heterossexuais, a partir dos modelos de masculinidades e feminilidades já pré-estabelecidos.

A internet trouxe várias inovações no que podemos pensar a maneira a qual podemos nos comunicar com outros seres humanos, mas ao que se pensa sobre as novas tecnologias de comunicação de que seria possível uma mudança de paradigma sobre as representações de gênero e políticas sexuais ainda continuamos sob o guarda-chuva das velhas noções sobre como os gêneros devem pensar a si mesmos e seus comportamentos, principalmente os sexuais. Os velhos padrões de gênero continuam a ser repassados através das mídias, e a internet só se torna um espaço onde esses padrões podem circular de maneira mais rápida e abrangente, sendo compartilhada por milhares de pessoas. A grande “mudança” é que essa violência contra as mulheres se dissemina de forma incontável, o que deixa as mulheres em uma posição muito mais fragilizada, pois o esquecimento na internet é um benefício ao qual pouquíssimas pessoas têm acesso. Na nossa realidade contemporânea, a internet é mais um local de interação social onde as expressões de ódio e de violência contra as mulheres expostas encontram espaço e são utilizadas principalmente para a humilhação pública e vexação dessas mulheres que um dia ousaram fazer sexo, e foram registradas em fotos e vídeos.

⁸ <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2010/09/policia-investiga-suicidio-de-universitario-exposto-em-video-intimo-na-internet.html>

Recebido em 25 de outubro de 2018.
Aprovado em 25 de novembro de 2018.

Referências

- BATAILLE, George. *O erotismo*. Porto Alegre, LP&M, 1987.
- BERGER, L. Peter; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado da sociologia do conhecimento*. Petrópolis, Editora Vozes, 2003.
- BOZON, Michel. *Sociologia da sexualidade*. Rio de Janeiro, FGV Editora, 2004.
- BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, Guacira L. (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte, Autêntica, 2000, p. 153-172.
- _____. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2014.
- _____. *Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2015.
- CASTELLS, Manoel. *A sociedade em rede*. São Paulo, Paz e Terra, 1999.
- FLAX, Jane. Pós-Modernismo e relações de gênero na teoria feminista. In: BUARQUE DE HOLLANDA, Heloisa (org.). *Pós-modernismo e política*. Rio de Janeiro, Rocco, 1992, p. 217-250.
- FRANÇA, Vera. O acontecimento e a mídia. *Galáxia online*. São Paulo, n. 24, 2012, p. 10-21.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*. Rio de Janeiro, Graal, 1997.
- FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. *Métodos de pesquisa para internet*. Porto Alegre, Editora Sulina, 2011.
- FREITAS SILVA, Natanael de. Historicizando as Masculinidades: Considerações e Apontamentos à Luz de Richard Miskolci e Albuquerque Júnior. *História, Histórias: Revista do Programa de Pós-graduação em História da UnB*. Brasília, UnB, n. 5, 2015, p. 7-22.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro, Ed. Guanabara, 1988.
- GREGORI, Maria Filomena. *Cenas e Queixas. Um estudo sobre mulheres, relações violentas e a prática feminista*. São Paulo, Paz e Terra, 1993.
- _____. Práticas eróticas e limites da sexualidade: contribuições de estudos recentes. *Cadernos Pagu*. Campinas, Unicamp, n. 24, 2014, p. 47-74.
- GROSSI, Mirian. Masculinidades: uma revisão teórica. *Antropologia em Primeira mão*. Florianópolis, UFSC, 2004, n. 75, p. 1-37.
- ILLOUZ, E. *El consumo de la utopía romántica. El amor y las contradicciones culturales del capitalismo*. Madrid, Katz Editores, 2009.
- _____. *O amor nos tempos do capitalismo*. Rio de Janeiro, Zahar, 2011.

LEMOS, André. *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre, Editora Sulina, 2013.

LANGDON, E. Jean. “O dito e o não-dito”: reflexão sobre narrativas que famílias de classe média não contam. *Estudos Feministas*. Rio de Janeiro, UFRJ, v. 1, n. 1, 1993, p. 155-158.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, ANPOCS, 2002, v. 17, n. 49, p. 11-29.

MARCUS, George E. Etnografía en/del sistema mundo. El surgimiento de la etnografía multilocal. *Alteridades*. 2001, p. 111-127.

MEDITSCH, Eduardo. *O conhecimento do jornalismo*. Florianópolis, Editora da UFSC, 1992.

MISKOLCI, Richard. A gramática do armário: notas sobre segredos e mentiras em relações homoeróticas masculinas mediadas digitalmente. In: *Olhares plúraes para o cotidiano: gênero, sexualidade e mídia*. Marília, Cultura Acadêmica Ed, 2012.

_____. Discreto e fora do meio. Notas sobre a visibilidade sexual contemporânea. *Cadernos Pagu*. Campinas, Unicamp, n. 44, 2015, p. 61-90.

_____. Novas Conexões: notas teórico-metodológicas para pesquisas sobre o uso de mídias digitais. *Cronos – Revista do Programa de Pós-Graduação da UFRN*. Natal, UFRN, v. 12, 2011, p. 9-22.

PERLONGHER, Nestor. *O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo*. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1987.

RUBIN, Gayle. Thinking Sex: notes for a radical theory of the politics of sexuality. In: NARDI, P.; SCHNEIDER, B. (orgs.). *Social perspectives in lesbian and gay studies*. London, Routledge, 1998, p. 100-133.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, UFRGS, vol. 20, n. 2, 1995, p. 71-99.